

CONEXÕES ENTRE ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E OS FILMES DE LARRY CLARK

Celso Vitelli / Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este artigo trata das relações entre filmes, imagens, juventude e adolescência, analisando falas proferidas por jovens de 18 a 30 anos de Cursos de Artes Visuais de duas universidades da Grande Porto Alegre (UFRGS e ULBRA), tendo como principal conexão, a filmografia de Larry Clark. É um estudo sobre os sentidos que os termos juventude, adolescência e imagens fílmicas carregam nos dias de hoje. Clark é conhecido por realizar filmes que envolvem jovens em situações de violência, uso de drogas e sexualidade. A pesquisa analisa três filmes do cineasta: Kids (1995), Roqueiros (2005) e Bully (2001). As conversas sobre os temas em questão com os jovens em três grupos focais promoveram debates sobre como são abordados os assuntos adolescência, juventude, drogas e sexualidade nos filmes de Clark.

PALAVRAS-CHAVE

adolescência; cinema; juventude; Larry Clark.

ABSTRACT

This article deals with the relationships between movies, pictures, youth and adolescence, analyzing speeches uttered by young people then 18-30 years of Visual Arts courses of two universities of Grande Porto Alegre (UFRGS and ULBRA), with the main connection, a filmography Larry Clark. It is a study of the way that the terms youth, adolescence and film footage carry these days. Clark is known for making films that involve young people in situations of violence, drug use and sexuality. The survey analyzes three filmmaker's movies: Kids (1995) Rockers (2005) and Bully (2001). The talks on the issues concerned with youth in three focus groups held discussions about how they are addressed the subjects adolescence, youth, drugs and sexuality in Clark movies.

KEYWORDS

adolescence; cinema; youth; Larry Clark.

Este artigo tem como objetivo discutir as relações entre cinema, educação e juventude. Partindo de um conjunto de dados, depoimentos de 50 jovens, estudantes dos Cursos de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS e da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil), distribuídos em três grupos focais realizados no ano de 2014, assistimos com eles três filmes de Larry Clark: *Kids* (1995), *Bully* (2001) e *Roqueiros* (2005). Com esse material, (as transcrições dos grupos focais, os filmes e a literatura produzida sobre os filmes de Clark) procuramos aqui estabelecer conexões para pensarmos sobre as imagens e os discursos que entrelaçam: os conceitos que Clark tem sobre as juventudes que ele nos apresenta em seus filmes; também as visões e as “definições” que os jovens da pesquisa têm de si e, por último, o que nós (os pesquisadores) pensamos sobre tais juventudes aqui em foco.

É difícil precisarmos hoje os conceitos de adolescência e juventude, por serem ambos muito elásticos. As questões sobre as imagens e os discursos sobre que nós temos sobre esses conceitos, por exemplo, tanto nas escolas como fora delas, e suas imbricações com outros conceitos chamaram a atenção para a realização dessa pesquisa. Muitos autores já trabalharam com esses temas: adolescência e juventude, principalmente no que refere às questões comportamentais. Porém, nesta pesquisa foram analisadas as falas dos jovens sobre eles mesmos e os discursos, imagens sobre as adolescências e juventudes apresentadas na filmografia do diretor *Larry Clark* (1943). Mais do que isso, o foco principal é uma pergunta específica: quais os sentidos que os termos adolescência, juventude e imagem carregam, nos dias de hoje, para os cinquenta participantes dos grupos focais desta pesquisa?

Assim, trata-se de investigar através de um olhar mais minucioso como se constitui também identidades juvenis nos dias de hoje, levando em conta, entre tantos atravessamentos, o que autores como Rosa Maria Bueno Fischer (1997, 2013), Maria Rita Kehl (2004), Rosália Duarte (2002), Regina Novaes (2004), Paulo Vannuchi (2004) e Zygmunt Bauman (2005, 2013) vêm discutindo sobre o papel do cinema, das identidades e das juventudes na constituição do social.

Se, por um lado, Fischer (1997) desenvolve a noção de “estatuto pedagógico da mídia” para dar conta dessa problemática; Maria Rita Kehl (2004) vem trabalhando

com análises sobre a juventude como sintoma da cultura. Já Rosália Duarte (2002) nos ensina que a relação entre cinéfilos e cinema pode ser profundamente educativa. Bauman, por exemplo, ao conceituar identidade, nos lembra de que “uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha” (2005, p.60). As dificuldades de definirmos “juventude” nos leva a interrogações sobre as suas múltiplas definições desse conceito em diferentes épocas. Daniela Knauth e Helen Gonçalves, por exemplo, interrogam:

Quem poderá resumir a juventude somente como um estado de rebeldia, de agitação, paixão, flexibilidade, incertezas, crescimento? Se o fizer, estará relegando outros modos de defini-la e vivê-la que são visíveis nas ruas, nas casas e nas escolas. Da mesma forma, não existe um modo perene e estático/constante de viver a fase adulta. (2006, p.94)

Nessa direção, as autoras nos ajudam a lembrar sobre as diferentes nuances que pode conter o conceito de juventude.

O tema “juventudes” permite um debate complexo e convoca diferentes vertentes teóricas. Nesse processo focamos na análise de imagens para saber mais sobre como vêm se construindo determinadas produções de sentidos sobre certas juventudes, trazendo constantemente à reflexão como esse tema é pensado na universidade. Tal diálogo envolveu, como já mencionado, públicos de jovens estudantes de Cursos de Artes Visuais.

Partimos do pressuposto que nós estamos inseridos em uma sociedade que ainda se mostra muito preconceituosa em relação a certas imagens que temos dos jovens. Desta forma, esse estudo procura questionar criticamente os discursos e imagens que circundam as juventudes e, de forma mais marcante, em duas universidades da Grande Porto Alegre que foram escolhidas para a realização da pesquisa.

Assim, perguntamos aos jovens participantes, quais são, por exemplo, as imagens que eles têm sobre si mesmos? O que vem se discutindo em relação às imagens sobre as juventudes nas pesquisas que abordam o tema? E por fim, debatemos nos grupos focais sobre a produção de sentidos dados às juventudes através do cinema em um recorte específico, qual seja, nos filmes de *Larry Clark*¹. Enfim, lançamos perguntas que de um modo ou de outro dizem respeito à imagem do jovem no mais

amplo sentido da palavra. Como afirma Maria Rita Kehl, o prestígio da juventude é recente. “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos’, escreveu Nelson Rodrigues em uma crônica sobre a sua infância na Rua Alegre. Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade” (2004, p.90).

Em relação à análise dos materiais (as falas dos jovens e os três filmes escolhidos) propriamente dita, trabalhamos com uma proposta de discussão desses pressupostos sobre juventudes, imagens e culturas. Nessa direção, um dos objetivos do estudo foi o de pensar tais conceitos a partir daquilo que foi verbalizado pelos jovens e localizar, a partir de análises e discussões minuciosas, aspectos das vidas dos jovens que convencionalmente não se comentam com maior profundidade. A intenção foi a de problematizar e investigar as imagens que se produzem *sobre e com* as diversas juventudes, tanto nos filmes como por eles (adolescentes e jovens) e pela sociedade em geral, levando em conta especificamente um estudo concentrado nos jovens universitários.

Vale salientar que as imagens e os discursos que nós fabricamos sobre jovens e adolescentes, que são o cerne desta pesquisa, trazem certas preocupações, porque nem sempre são “positivas” [oriundas do cinema ou de outras fontes]. Assim, tais imagens vão sendo introjetadas e “aceitas” por professores, sociedade e jovens, como verdades sobre os adolescentes e jovens. E isso acontece repetidas vezes. Neste sentido, de um modo ou de outro, esta pesquisa se preocupa exatamente com esse aspecto: de que modo a universidade, a pesquisa e o ensino podem se aliar de modo a tornar o ambiente universitário um espaço em que as juventudes e as imagens que nós temos das mesmas possam ser debatidas no seu aspecto mais amplo, considerando as escolhas de temas e imagens, muitas vezes ditos como não relevantes [como as do cinema] para debates. As temáticas sobre as juventudes quando se aproximam do cotidiano dos alunos, considerando aqui o cinema como um artefato cultural de análise, oferecem portas de entrada para o assunto, aproximações e interesses sobre o tema.

Cinema e produção de subjetividades

Propomos uma investigação sobre o papel do cinema ligado à produção de subjetividades, na qual uma discussão ético/estética buscou repensar as posições de sujeitos apresentadas dentro dos materiais que foram analisados: as falas dos estudantes nos grupos focais e os três filmes. Não se trata de apontar o cinema como o principal “subjetivador” de uma cultura juvenil e sim, de inseri-lo como uma das “partes” que compõe uma cadeia de interpelação que se reforça constantemente, assumindo as mais diversas formas: imagens, textos, ações que tramam uma teia complexa maior de sentidos, discursos e modos de existir.

São inúmeros os autores que denunciam a disseminação de modos de vida hegemônicos ou subalternos que favorecem a promoção de uma cultura norte americana através de produtos das mídias. Acreditamos que seja imprescindível que estudiosos da educação (especialmente em Artes) trabalhem com a indústria das imagens/identidades, tratando-as como campos efetivos de propagação de saberes e construção de sujeitos.

Seguindo estas suposições – e situando a importância deste trabalho, a pesquisa ora apresentada se definiu no interior de um campo cultural específico, a universidade. Assim, as análises que estão em processo, dão visibilidade às imagens “vendidas” para e pelos jovens, sobre as representações das juventudes sobre os mais variados temas e a recepção que os alunos universitários fazem destas. Assim, através da descrição e análise dos elementos visuais e discursos que carregam estas imagens, procuramos:

- Inventariar a produção de sentidos que os três filmes escolhidos para análise comportam, de modo a mapear como são construídos imaginários sobre as juventudes e, ainda, os modos pelos quais certos signos visuais recebem atribuições consideradas “positivas” ou “negativas” na visão de nossos alunos universitários.*
- Debater as implicações morais e estéticas que as significações imbuídas destas imagens exercem sobre os sujeitos, suas percepções do que seja “ser jovem” e as possíveis relações deste sistema de signos com os mecanismos de inclusão e*

exclusão entre os grupos sociais, priorizando sempre os grupos de jovens universitários.

Objetivos e metas alcançadas – primeira fase da pesquisa

Um dos objetivos principais foi o de investigar como os jovens universitários são capturados pelos filmes e, mais do que isso, interrogá-los sobre as representações de juventudes presentes nesses filmes, se eles se veem nas mesmas de alguma forma. Para que isso acontecesse, foi fundamental a proposição de investigação com os grupos focais como um dos recursos metodológicos. Outro objetivo foi o de provocar reflexões pessoais e coletivas sobre o tema juventudes.

Nessa direção, importa aqui repensar sobre o que se faz hoje nas salas de aula para planejarmos um futuro com mudanças concretas. A referida metodologia de trabalho em diálogo permitiu que as pessoas emitissem as suas opiniões, colocando-as em prática e confrontando-as com as opiniões dos outros para que o dito e o pensado em cada grupo focal fossem novamente repensados. A abordagem investigativa cujo princípio é o diálogo e não a soma das opiniões individuais, apresenta-se como um método de investigação e processo educativo ampliado.

Um dos passos deste trabalho foi o de criar categorias de análise na tentativa de melhor caracterizar como são apresentados os assuntos. As categorias serviram de base para dar visibilidade às diferentes “juventudes” que vem surgindo ao longo das décadas, relacionando suas aparições com o contexto histórico da ocasião. A partir das discussões teóricas empreendidas, delineamos as primeiras categorias de análise:

1) Relações entre os jovens e as culturas universitárias:

Os grupos que se determinam pela lealdade (as mesmas escolhas).

Papéis que os jovens ocupam nas linhas de frente das mudanças culturais.

2) Estética e estilo dos jovens (personagens apresentados nos filmes):

Supervalorização dos comportamentos e estilo de vidas juvenis (permanência prolongada).

O jovem escultor de si mesmo: (o corpo que cria tipos com tatuagens, roupas, malhação, brincos, dietas...). Essas categorias não foram aprofundadas aqui, mas serão numa segunda fase da pesquisa.

Para elucidar os conceitos sobre juventudes construídos pelos jovens, acreditamos na necessidade de investigar através dos depoimentos destes grupos, os desdobramentos de tais conceitos e suas relações com o tema *juventudes*. Com essa preocupação, indicamos algumas perguntas de pesquisa de modo a mostrar como se deu a efetivação entre as discussões propostas pelas teorias e os instrumentos de análise:

- Por que determinadas características culturais se tornam tão especiais em relação aos jovens?
- Por que certas representações sobre um tipo de juventude passam a ser mais valorizados no cinema do que outras?
- Quais são os sintomas deste tempo e como podemos descrever as juventudes nas universidades?
- Quais são os constructos que fez, e ainda faz, o cinema sobre o tema *juventudes*?

Outro objetivo deste trabalho foi o de também fazer um panorama abrangente sobre o assunto para delimitar o objeto de pesquisa. Desta forma, o levantamento do material empírico: as análises dos três filmes e a recepção dos mesmos pelos grupos focais delimitaram melhor o objeto de pesquisa.

Sobre quais os constructos que se fez e ainda se faz sobre ser jovem, uma participante de 23 anos que assistiu ao filme *Bully*, afirma:

Eu vejo de um modo geral isso né, eu vejo que como uma imagem que remete a juventude "geral" assim, não sei, se fosse botar a juventude num pacote seria esse, mas eu não penso tipo tudo, tem coisas que eu penso - poxa né, se eu posso escolher agora, pra que ficar deixando pra depois? Bora fazer o agora acontecer – não sei,

têm coisas que eu penso em fazer agora que eu gostaria que funcionassem no futuro, eu não sei se eu me enquadro nessa [...]
(Informação verbal)²

Objetos de análise: estudantes universitários diante das imagens, discursos sobre adolescência e juventude nos filmes de Larry Clark

O material sobre o qual debruçamos a nossa análise, como já dito antes, foi extraído principalmente dos filmes e das falas dos jovens envolvidos – informações que surgiram nos grupos focais – material fundamental para a construção das análises.

Quanto à escolha da faixa etária dos jovens definida entre 18 e 30 anos, se deve ao fato de tentar abranger juventudes numa faixa de idade um pouco mais prolongada, porque o tempo que muitos jovens permanecem nas universidades também se prolongou. Já a função dos grupos focais foi a de fazer as transcrições das falas dos jovens, sobre as imagens e os discursos que vêm sendo consumidos por eles sobre “juventudes e representações” e seus preceitos morais e estéticos. A discussão que propomos para a análise não se apoiou somente em deter estas falas, mas sim, em organizar, garimpar os pensamentos em que nelas residem.

Quando perguntamos, por exemplo, quais as interpretações que o filme (Kids) trouxe aos participantes da pesquisa sobre o que está sendo exacerbado na sociedade em relação as juventudes, ou se eles se sentiram representados em alguma personagem, uma menina de 22 anos disse:

O lance da inconsequência né, tu não mede muito a consequência daquilo que tu vai fazer. E em relação a se sentir representado de alguma maneira pelos personagens eu acho que dá pra dizer que vivi um pouco assim, mais quanto aquele lance de andar todo mundo junto na rua e tal, nesse sentido assim, mas tem uma coisa bem ousada nessa galera do filme, acho que basicamente é isso.
(informação verbal)³

Já outra participante, de 30 anos, sobre o filme Bully, argumentou:

Eu me identifiquei no filme, teve um momento, dessa coisa do melhor amigo desde pequena. Eu tinha desde pequena uma melhor amiga que era colada comigo também, era forte a coisa em relação a mim, de maltratar e tal. E era a única amiga que eu tinha, eu morava muito longe, na escola a gente não fazia parte do grupinho e tal, então eu me submetia aquilo. Num segundo momento foi quando eu fava na oitava série, que tinha que experimentar, tinha que ter a droga no

meio pra conseguir se manter na turma e isso aconteceu comigo exatamente assim...foi na sétima série, na verdade, pior ainda, só que eu tava num ambiente de escola pública, eu tinha vindo de escola particular; mas no filme já é uma coisa pequena, eles tão no bairro [...] (Informação verbal)⁴

O filme que a participante assistiu, resumidamente, tratava de um grupo de jovens que resolvem matar o amigo mais próximo de um deles. Tal decisão resultou dos maus tratos que sofria o personagem principal do enredo. E sobre o mesmo filme, um jovem de 29 anos (aluno y), disse:

Eu não me identifiquei com ninguém nesse filme, achei eles muito mané, tipo o cara que era melhor amigo dele era muito trouxa...Eu acho que tu tem outras opções também na vida, tu não precisa, tu não é obrigado a ficar convivendo com alguém que te sacaneia entende? É uma opção. Claro, nesse tipo de filme eles fazem uma grande coisa ruim acontecer pra mostrar como tudo pode dar errado por uma idiotice. Se o cara é mala eles poderiam se afastar dele ou o cara ir trabalhar num outro emprego. (Informação verbal)⁵

Sob esta ótica discutimos sobre como os mecanismos produzem e reproduzem certos sentidos sobre as juventudes nos dias de hoje. Para isso, ainda temos como meta o aprofundamento sobre os estudos de juventudes de mais autores, como Helena Abramo (1995), Aldo Victorio Filho (2013), Marília Sposito (2000), Paulo Sérgio do Carmo (2001), entre outros; bem como sobre os autores que vêm se debruçando sobre as relações entre o cinema e a educação, como Eli Fabris (2004) e Rosália Duarte (2002).

A constituição das identidades sociais envolvem relações de poder “que procuram impor determinados significados (e não outros quaisquer)”, significados pertinentes à posição dos sujeitos identificados com determinados grupos (VEIGA-NETO, 2004, p.56). A imposição ou eleição de significados específicos funciona como “regime de verdade”, esta procura irá constituir-se como um saber seguro, tido confortavelmente como “certo”, no qual os sujeitos podem ancorar-se. A identificação e o sentimento de pertença que lhes é inerente funcionam como espécies de âncoras para a subjetividade; localizando-se dentro de um grupo identitário no qual o sujeito estabelece uma “verdade” sobre si (Op.cit, 2004).

Em um mundo de tantas incertezas, a fixidez dos papéis sociais representados na cultura de massas serve como um antídoto para a crise de identidade dos tempos pós-modernos. Essas incertezas já construíram e desconstruíram certos mitos sobre juventudes — suas existências são inegáveis e ao mesmo tempo nos fornecem algumas pistas para diagnosticarmos o peso cultural de certas representações. Algumas vezes esses mitos tornam-se deuses e passam a serem objetos de culto, estabelecendo-se como verdades inquestionáveis, como o mito *James Dean*, por exemplo.

De certa forma, nós somos convidados incessantemente a nos reconhecermos nos reflexos dos mais variados espelhos sociais e, também, a nos projetarmos nas diferentes imagens oriundas da mídia e da publicidade, que podem tornar reais todos os nossos sonhos. Deve ficar claro que esta subjetivação não é operada somente pelos *outros*, mas muitas vezes por nós mesmos na sociedade a qual pertencemos. Apesar da complexidade com que se estabelecem os processos de subjetivação, somos constantemente convidados a pertencer aos mais diferentes grupos e a lutarmos para neles permanecermos. Quais as implicações desta premissa? Que modos de assujeitamento as premissas aqui apresentadas produziram e estão produzindo? Enfim, enfocando essa temática contemporânea é que nós propomos estudar a “situação” do tema *juventudes* no cinema e nas universidades. Uma participante do grupo focal (aluna X de 20 anos), ao responder sobre como ela estabeleceu relações entre juventude e o filme que assistiu – *Kids*, de Clark, argumenta:

Eu acho que tem uma coisa assim que todo mundo reconhece, esse estigma do jovem e do adolescente, esse clichê, né? Mesmo o clichê como foi falado não é um clichê à toa, realmente ele se repete um número de vezes suficiente para se tornar um clichê. Igual não aborda tudo que é uma juventude, mas é um paradigma estabelecido né? eu vivi na adolescência, reconheço, uma pressão social grande assim de aderir a certos comportamentos, né? – e acho que é legal esse tipo de conversa pra pensar como que é possível propor outros paradigmas, como que essa outra face da juventude pode estar mais estar à vista, mais acessível. Porque às vezes a pessoa tá descobrindo um monte de coisas, tipo um monte de coisas novas e têm certos padrões que são muito empurrados. (Informação verbal)⁶

A participante nos leva a pensar o quanto o conceito de juventude não é estanque e, mais do que isso, salienta que os “clichês” tão usados pelo senso comum para definir juventude e algumas vezes pelo cinema, aprisiona e restringe, os jovens e suas ações.

Metodologia – os grupos focais

Optou-se pela escolha de duas universidades com Cursos de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura), ambas localizadas na Grande Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (dois grupos, um com 12 e outro com 18 estudantes) e Universidade Luterana do Brasil (um grupo com 20 alunos). A faixa de idade dos participantes ficou entre os 17 e 30 anos de idade. Para facilitar os encontros, as sessões foram realizadas em turmas de disciplinas regulares das duas universidades (cedidas por professores/as) durante o primeiro semestre de 2014.

Quanto ao tratamento dos materiais

A transcrição das falas filmadas nos grupos focais foi o principal material empírico para a construção das análises feitas a partir de alguns conceitos e relações temáticas principais, norteadoras do trabalho, como o de “Juventude como sintoma da Cultura”, conceito desenvolvido por Maria Rita Kehl (2004) e também o de “Dispositivo pedagógico da mídia”, trabalhado por Rosa Maria Bueno Fischer (1997).

A partir desses conceitos e relações temáticas articulamos a análise extraindo enunciados das falas dos estudantes e dos filmes escolhidos, sobre o tema juventudes com ênfase na representação cinematográfica. Assim, o corpus de análise desta pesquisa foi composto por:

- Material dos grupos focais com os/as 50 jovens (três encontros marcados durante os dois anos previstos para a realização da pesquisa);
- Análises de todo material obtido durante a realização da pesquisa. Hoje, duas bolsistas de Licenciatura em Artes Visuais estão trabalhando na organização de novos grupos focais, nas transcrições e análises das falas dos jovens, bem como no estudo e análise de mais filmes de Clark. Também fez e faz parte das atribuições dos bolsistas o levantamento bibliográfico sobre os conceitos de juventudes,

identidades e cinema/educação. Desta forma, esses jovens estão aprofundando os seus conhecimentos sobre os temas em questão. Assim, acreditamos que esses bolsistas se tornarão multiplicadores do conhecimento adquirido na pesquisa, escrevendo artigos, apresentando trabalhos em eventos, enfim, farão com que os resultados da pesquisa circulem de forma efetiva.

Principais contribuições científicas ou tecnológicas da proposta

A pesquisa ora apresentada nasceu em função do interesse que emerge atualmente, e de forma recorrente, pela temática acerca das relações entre juventudes, cinema e educação, bem como, contraditoriamente, em função do número ainda não muito significativo de investigações feitas no Rio Grande do Sul, no âmbito educacional, acerca deste cruzamento. Contudo, mais do que um interesse em relação ao cruzamento dos temas acima citados, que vem crescendo no campo acadêmico, as pesquisas relacionadas às juventudes atreladas a esse recorte, os filmes de *Larry Clark*, constitui-se num campo quase inédito de discussão.

Dadas essas considerações mais gerais, as contribuições desta pesquisa centraram-se: na possibilidade de ampliar o conjunto de discussões sobre juventudes, cinema e educação; na criação de fóruns de debates – e conseqüentemente de formação – com professores/as de ensino da rede pública e privada de Porto Alegre (RS). Dos achados desta pesquisa podem derivar um conjunto significativo de práticas de intervenção direta ou de práticas de cunho efetivamente propositivo em termos de propiciar ainda mais debates sobre o tema *juventudes*, seguindo os passos propostos aqui.

Finalizando, prevê-se a sistematização das atividades propostas por esta pesquisa com alunos de outras instituições, o que resultaria, entre outros pontos de relevância, na reorganização e reformulação de projetos de trabalho no campo das Artes Visuais. Ou seja, os 50 participantes (estudantes que participaram dos grupos focais) da primeira etapa deste projeto serão convidados, na medida do possível, a trabalharem com os resultados (análises dos materiais) e iniciariam uma nova etapa da pesquisa em suas instituições – discutindo os resultados e trabalhando como multiplicadores, levando os conhecimentos adquiridos durante o processo de pesquisa.

Acreditamos que as pesquisas com essa metodologia de grupos focais, por exemplo, no campo das Artes Visuais, colaboram para a construção de diálogos mais próximos com os estudantes universitários. Uma tentativa de reavaliar, pensar e examinar, em um sentido mais amplo, as relações entre as diferentes juventudes e as imagens que temos das mesmas. A importância deste estudo reside no fato de repensarmos, no caso específico do público universitário, quais seriam as bases para a educação destes jovens, principalmente em relação às necessidades deles. E por que não dizer, repensarmos também sobre a formação de professores de Artes Visuais e dos cursos de formação complementares.

Notas

¹ O fotógrafo e cineasta *Lawrence Donald Clark* nasceu em Tulsa (1943), nos Estados Unidos. Ele é conhecido por fotografar jovens e realizar filmes que os envolvem em situações de violência, uso de drogas e sexualidade. Assim, esse texto faz parte da pesquisa intitulada *O cinema de Larry Clark e a produção de sentidos sobre juventudes*, na qual analisamos três filmes do cineasta já citados anteriormente.

² Informação coletada no Grupo focal com os alunos do Instituto de Artes da UFRGS realizado em Porto Alegre, no dia 13 de maio de 2014.

³ Informação coletada no Grupo focal com os alunos do Instituto de Artes da UFRGS realizado em Porto Alegre, no dia 13 de maio de 2014.

⁴ Informação coletada no Grupo focal com os alunos do Instituto de Artes da UFRGS realizado em Porto Alegre, no dia 21 de maio de 2014.

⁵ Informação coletada no Grupo focal com os alunos do Instituto de Artes da UFRGS realizado em Porto Alegre, no dia 21 de maio de 2014.

⁶ Informação coletada no Grupo focal com os alunos do Instituto de Artes da UFRGS realizado em Porto Alegre, no dia 13 de maio de 2014.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, Brasília, n. 5/6, p. 25-36, maio/out. 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CLARK, Larry. Disponível em <http://larryclark.com/>. Acesso em 13 de julho de 2013.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EDUCAÇÃO E REALIDADE. *Dossiê cinema e educação*. Porto Alegre: v.33, nº1, Jan/Jun 2008.

-
- FABRIS, Elí Henn. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In:
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. _In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre: n° 22, vol.2, p.59-80, jul./dez.,1997.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Diante do "real" midiático: contribuições de Zizek, Arendt e Sontag aos estudos de recepção*, Porto Alegre, 12 out. 2005 Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/585>. Acesso em: 12 out. 2013.
- GONÇALVES, Helen; KNAUTH, Daniela Riva. Juventude na era da AIDS: entre o prazer e o risco. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2006, p.92-104.
- KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 89-114.
- NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- VICTORIO FILHO, Aldo; SILVA, Maria da Conceição; BERINO, Aristóteles (Orgs.). *A fatura das juventudes: tramas entre educação, mídia e arte*. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

Celso Vitelli

Possui Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da UFRGS [2008]; Bacharelado em Artes Plásticas: habilitação Desenho [1993] e Licenciatura em Educação Artística para 1º e 2º Graus [1992], formações estas pelo Instituto de Artes da UFRGS. Atualmente é professor nos Cursos de Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Bacharelado e Licenciatura.